

Marco Pigossi fala  
ao Correio sobre  
seu novo filme



PÁGINA 4

Lollapalooza 2025  
empolga apesar  
das chuvas em SP



PÁGINA 5

Uma nova safra de  
quadrinhos para  
aquecer o trimestre



PÁGINA 8

## 2º CADERNO

Mais de 35 filmes serão exibidos na mostra de cinema gratuita “macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo: Parte 2”, na Caixa Cultural

Por **Affonso Nunes**

**A** mostra de cinema “macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo: Parte 2” chega à Caixa Cultural Rio de Janeiro – Unidade Passeio entre os dias 1º e 20 de abril, com entrada gratuita. Dedicada ao terror nacional produzido de 2015 até hoje, a seleção curada por Breno Lira Gomes e Carlos Primati apresenta 25 longas-metragens e 11 curtas. A programação explora o medo e o sobrenatural com forte experimentação visual e narrativas impactantes.

A iniciativa dá continuidade à primeira edição da mostra, realizada online em 2020, quando alcançou mais de 550 mil acessos na Darkflix. Cinco anos depois, retorna com patrocínio da Caixa, homenageando nomes fundamentais do gênero: José Mojica Marins, o Zé do Caixão, falecido em 2020; Juliana Rojas e Marco Dutra, diretores de “As Boas Maneiras”; e Rodrigo Aragão, reconhecido por seus efeitos especiais e filmes de terror de baixo orçamento. Aragão participa de um debate após a exibição de seu filme em 2 de abril, enquanto Juliana Rojas estará presente no dia 17. **Continua na página seguinte**



Divulgação

Sala Escura

# É hora de ESPANTO nas telas cariocas

# Diversidade da produção nacional no gênero

Divulgação



O Prédio Vazio

Divulgação



O Saci

Divulgação



Trabalhar Cansa

Divulgação



Skull, a Máscara de Anhangá

**A** programação da mostra de cinema “macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo: Parte 2” refletiu a diversidade da produção nacional no gênero e títulos das regiões Sudeste, Norte, Nordeste e Sul, abrangendo estados como São Paulo (13 filmes), Rio de Janeiro (5), Espírito Santo (4), Pernambuco (4), Maranhão (3), Amazonas (2), Pará (2), Minas Gerais (1), Rio Grande do Sul (1) e Ceará (1). Entre os destaques, a primeira exibição no Rio de Janeiro da cópia restaurada de “À Meia-Noite Levarei Sua Alma” (1964), de José Mojica Marins, em 12 de abril, às 17h20. Também será exibido “Prédio Vazio”, de Rodrigo Aragão, em 1º de abril, às 18h10, filme selecionado para o Festival de Tiradentes de 2024.

A mostra ainda apresenta títulos como “Propriedade”, de Daniel Bandeira; “O Juízo”, de Andrucha Waddington; “Raquel 1:1”, de Mariana Bastos; “Continente”, de Davi Pretto; “O Porão da Rua do Grito”, de Sabrina Greve; e “As Boas Maneiras”, de Juliana Rojas e Marco Dutra. O público que assistir a pelo menos um filme da programação receberá um catálogo com seis artigos inéditos. “O cinema brasileiro se destaca por

Divulgação

**Você é diferente**

Divulgação

**Propriedade**

Divulgação

**Verão Fantasma**

sua diversidade de gêneros e narrativas. Acreditamos que o terror vive sua melhor fase no país, tanto pelo volume de produções quanto pela qualidade das histórias contadas”, afirma o curador Breno Lira Gomes.

A programação inclui o curso “Trajetória do Horror no Cinema Brasileiro”, ministrado por Carlos Primati em quatro módulos de 90 minutos cada. Haverá também a mesa de debate “José Mojica

Divulgação

**O Tio**

Marins, para sempre Zé do Caixão”, com Primati e o produtor Paulo Sacramento; além de bate-papos com Rodrigo Aragão, Paulo Fontenelle, Sabrina Greve, Deborah Haven e Juliana Rojas. Duas palestras completam a programação: uma sobre a restauração da obra de Mojica, com Paulo Sacramento, e outra sobre histórias de assombração e criaturas da literatura brasileira, com Roberto Houaiss.

## Atividades paralelas

Além da exibição dos filmes, a mostra oferece atividades paralelas com bate-papos, debates e curdos. Os bate-papos serão encontros de 30 a 40 minutos com cineastas e roteiristas que estão com filmes na programação da macaBRO e irão acontecer sempre após a exibição de um filme do/a convidado/a: dia 2, às 19h – Rodrigo Aragão após o filme “O Cemitério das Almas Perdidas” com tradução em Libras; dia 9, às 19h03 – Paulo Fontenelle, após o filme “Sala Escura” com tradução em Libras; dia 10, às 19h05 – Sabrina Greve, após o filme “O Porão da Rua do Grito”; e dia 13, às 16h30 – Deborah Haven, após o filme “Soror”.

No dia 12, a mostra será toda dedicada à memória de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, o precursor do terror no cinema brasileiro. Às 15h, Paulo Sacramento, coordenador técnico e artístico do restauro dos filmes de José Mojica Marins, faz uma apresentação sobre as possibilidades técnicas atualmente disponíveis para o restauro de filmes antigos, bem como apresenta um painel sobre as dificuldades e resultados alcançados na restauração do clássico “À Meia-Noite Levarei o Teu Cadáver” (1964). Ao longo do encontro serão exibidos exemplos concretos das condições em que encontrou os materiais, cotejando-os com a versão definitiva resultante

desse trabalho. O filme será exibido às 18h50 e, ao final da projeção, será realizado o debate “José Mojica Marins, Para Sempre Zé do Caixão” com o curador Carlos Primati e Paulo Sacramento.

Já o curso “Trajetória do Horror no Cinema Brasileiro”, ministrado por Carlos Primati, será dividido em quatro módulos independentes: dia 3, às 15h: O gótico, o abjeto e os fantasmas no cinema brasileiro; Dia 4, às 15h: O horror de invenção: cinema marginal e experimental; dia 10, às 15h: Assombrações do passado, presente e futuro: o horror no cinema brasileiro contemporâneo; e dia 11, às 15h: José Mojica Marins e seu estranho legado de terror.

No dia 15, às 15h, será ministrada pelo pesquisador Roberto Houaiss a palestra “O Macabro: Uma Dança e Um Lobisomem”, tendo como base as obras literárias “A dança dos ossos” de Bernardo Guimarães, e “Um lobisomem doutor” contido na publicação “Assombrações do Recife Velho” organizado por Gilberto Freyre. Houaiss mostrará como o sobrenatural e o macabro estão enraizados na cultura brasileira. Mesclando em sua apresentação relatos literários e históricos. Partindo de casos de lendas, mitos e assombrações, irá propor que essas histórias não fiquem esquecidas e que sirvam de inspiração para novos filmes.

Divulgação

**O Porão da Rua Grito**

“Nosso objetivo é não apenas exibir filmes, mas também estimular novos realizadores. Queremos mostrar que é possível produzir cinema de gênero no Brasil com qualidade e paixão”, destaca Carlos Primati.

### SERVIÇO

MOSTRA MACABRO - HORROR BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO PARTE 2

Caixa Cultural Rio de Janeiro (Rua do Passeio, 38 – Centro) | De 1º a 20/4

Grátis, com retirada de ingressos para os filmes 30 minutos antes de cada sessão ou atividade programa e distribuição de senhas para os cursos e palestras 30 minutos antes de cada evento

Confira a programação completa em <https://lnq.com/Pan9W>

Por Pedro Sobreiro

**N**os últimos anos, a questão da imigração se tornou pauta central nas políticas internacionais, que tratam a situação com o mínimo de sensibilidade, esquecendo que do outro lado há seres humanos, que, por mais diferentes que sejam, vivem suas próprias dúvidas e questões.

Em 'Maré Alta', o diretor italiano Marco Calvani conta a história de Lourenço (Marco Pigossi), um jovem gay brasileiro que vai para os EUA com o visto de turista, mas começa a trabalhar ilegalmente para tentar se manter no país. A trama trata com muita sensibilidade as dificuldades da vida fora de seu país natal e os desafios psicológicos de estar sozinho em uma terra distante.

Fora das telas, Calvani e Pigossi são casados e desenvolveram o projeto durante a pandemia. Em entrevista ao Correio da Manhã, a dupla falou mais sobre o projeto e os desafios de lançar um filme independente.

"Particularmente, eu me senti um pouco como o Lourenço nos últimos anos, sabe? Como se estivesse em um limbo. Teve a Covid-19, então parecia não haver muito futuro, assim como o passado também parecia não importar mais. E eu não sabia bem o que estava fazendo, eu não fazia ideia do que seria de mim. Como homem, eu me sentia esmagado pelo sistema, pelas mudanças no jogo, pelo crescimento do fascismo no mundo. E acho que esse sentimento de estar perdido foi bem passado no filme", disse Calvani.

"E, bem, não é um filme autobiográfico. Eu não sou brasileiro, mas sou um imigrante, um homem italiano, gay, que vive nos EUA. Acho que sou um pouco como o Lourenço, mas de uma forma diferente, então criamos esse 'lugar especial', por assim dizer que, se você é um homem que vive longe de casa, você acaba encontrando esse lugar cheio de oportunidades, mas também de riscos e incertezas. Apesar de ser muito excitante chegar até lá, também pode ser muito triste por mexer com saudade, incertezas. Felizmente, o filme fala sobre muitas outras coisas, mas é lindo ver como vem sendo recebido com tanto carinho pelos brasileiros e pelo público ao redor do mundo", completou o diretor.

Pigossi concorda e detalha que buscou trazer questões universais para desenvolver seu protagonista.

"Complementando, é um filme muito pessoal, mas zero autobiográfico. Quando a gente fala de imigração, a gente fala sobre essa solidão de morar em um país que não é o seu, falando em uma língua que não é a sua. Então, é uma tentativa de tentar se redescobrir



Marco Pigossi sendo dirigido pelo marido, o italiano Marco Calvani, durante as filmagens de 'Maré Alta'

## "'Maré Alta' foi o nosso primeiro filho"

Em cartaz nos cinemas, filme marca a parceria de Marco Pigossi com o marido, Marco Calvani

em um ambiente que não é o seu. E sempre muito só. O filme fala sobre pertencimento, porque o Lourenço vai para lá em busca de pertencer a um país, uma cidade, a uma comunidade. Até a si mesmo, que é a grande mensagem do longa. Isso é universal para toda pessoa que vai para fora tentar uma vida melhor, independentemente da razão", afirmou o brasileiro.

Questionados sobre como foi trabalhar

com o marido, os artistas foram categóricos ao dizerem que fariam de novo. E o diretor revelou também que tomaram algumas medidas para evitar desgastes ao fim do expediente.

"Se não tivesse sido bom, nós não estaríamos aqui hoje. Sobrevivemos a uma pandemia e a um filme como ator e diretor [risos]. Mas é o amor verdadeiro que nos mantém juntos. E o amor nasce do respeito e companheirismo, não só um pelo outro, mas também pela arte. Mas é claro que tomamos alguns cuidados para não atrapalhar as relações. Nós não dormíamos no mesmo lugar, porque precisávamos desse descanso para nos desligarmos do dia de filmagens. Mas nós faríamos tudo de novo. E esse processo foi incrível por ter nos permitido conectar ainda mais com esse lado artístico um do outro, mas também desenvolver ainda mais nossos laços de confiança. Nós conseguimos traduzir nos-

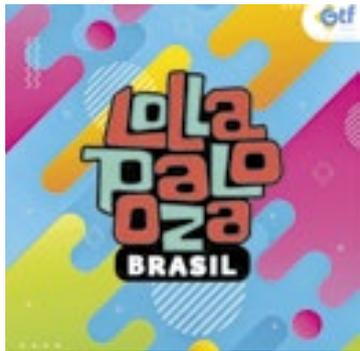
so amor para darmos forma a esse filme", contou Calvani.

Já Pigossi falou que enxerga o filme como o primeiro filho do casal, já que todo o processo demanda amor, carinho e vontade de trazer o filme à vida.

"A gente fala que o 'Maré Alta' foi nosso primeiro filho. A partir do momento que o Marco me mostrou o roteiro, a gente vem trabalhando juntos e decidiu que era essa história que a gente queria contar, e desse jeito. E isso é muito difícil. Quantas pessoas estão nos EUA com roteiros brilhantes e não conseguem? Fazer um filme independente é quase um milagre. 'Maré Alta' é um filme feito muito mais com amor do que com dinheiro. É um filho que a gente criou e colocou no mundo. E tinha essa responsabilidade, porque foi o primeiro longa do Marco e o meu primeiro filme como protagonista nos Estados Unidos, então a gente queria ter essa responsabilidade de fazer dar certo. Mas também houve uma admiração sincera como artistas, porque o Marco é um diretor brilhante com seus atores. Ele tem um olhar muito bonito para os atores, o que, para mim, representou um renascimento como ator, descobrindo coisas novas, limpando vícios, manias e maneirismos que a gente acumula ao longo do tempo. Foi uma experiência maravilhosa! E faria outros milhões de filmes junto com ele!", finalizou Marco Pigossi, que vem desenvolvendo uma bela carreira internacional.

# Calor humano até debaixo d'água

Reprodução/ Multishow



Nem a chuva conseguiu desanimar os fãs no Lollapalooza 2025

Por **Barbara Brogini**  
e **Pedro Sobreiro**

**U**m dos principais festivais do país, o Lollapalooza levou milhares de fãs ao Autódromo de Interlagos, em São Paulo, entre 28 e 30 de março. Como de praxe, o que prevaleceu foi a diversidade do público, que compareceu em peso não apenas para ver seus artistas favoritos, mas principalmente para viver o festival.

O primeiro dia foi o mais diferente do 'padrão' do Lolla, já que trouxe aos palcos dois verdadeiros ícones do Pop: a ícone teen Olivia Rodrigo e o rei do pop nacional, Jão.

A presença desses dois nomes trouxe uma novidade inesperada para Interlagos, que foi o público infanto-juvenil. Olivia é um fenômeno dentre a molecada, o que rendeu diversas cenas de pais levando suas filhas pequenas com chapéu de vaqueiro para o Lollapalooza. Por lá, a cantora de



Reprodução/ Multishow

**Olivia Rodrigo teve performance arrebatadora em Interlagos**



**Foster The People trouxe a nostalgia das baladinhas indie de São Paulo para o palco**

22 anos dominou o palco, hipnotizando o público com seus hits globais.

Por outro lado, Jão fez um show irretocável para sua legião de fãs, celebrando não apenas sua carreira, mas o amor que recebeu de seu público. O cantor está prestes a dar uma pausa na carreira, então o festival foi uma despedida muito carinhosa.

No segundo dia, com ainda mais gente, a veterana Alanis Morissette fez um show de almanaque, mostrando que 30 anos de carreira fazem muita diferença na hora de conquistar um público de 100 mil pessoas. O Pop canadense de Shawn Mendes também arrancou suspiros do público e diversas declarações de amor ao Brasil vindas do cantos, que já

está quase ganhando um passaporte de tanto se apresentar por aqui. Infelizmente, outros shows do sábado (29) sofreram um pouco com a falta de repertório, apostando mais em artistas 'hitados' nas trends das redes sociais.

Para fechar com chave de ouro, o domingo (30) trouxe o dia 'mais Lollapalooza' do Lolla 2025. A diversidade das apre-

sentações encantou um público que compareceu mais para viver o festival como um todo do que alguma atração em específico.

Claro que a presença de Justin Timberlake, ícone do pop americano, se destacou em uma verdadeira viagem no tempo por sua carreira irretocável, mas a despedida do 'Sepultura', lendas do metal brasileiro, também emocionou e agitou quem compareceu, assim como a pura nostalgia de 'Foster The People', que fascinou o público com uma playlist que reviveu as baladinhas indie de São Paulo da década de 2010.

## Organização

Um destaque do evento foi a organização crescente. Com a chuvarada que caiu na sexta-feira, o primeiro dia foi bastante caótico porque houve reclamações quanto a forma escolhida pela organização para lidar com o público. Interromper os shows por 1h e fechar todos os estandes não foi a melhor opção, deixando as pessoas sem terem onde se abrigar.

No entanto, a organização recebeu as críticas e trabalhou para resolvê-las. No sábado, já era possível reparar uma ótima melhora. E o domingo foi um dia irretocável. Apesar de muito cheio, o último dia teve filas organizadas, banheiros limpos e com ótima rotatividade e muitos vendedores espalhados pelo festival. Então, mesmo fazendo bastante calor, sempre havia alguém com água, refrigerante, energéticos ou bebidas alcóolicas próximo, incluindo durante os shows. Pode não parecer muita coisa, mas ter acesso a bebidas geladas em meio a aglomerações faz muita diferença e evita acidentes. As sinalizações também melhoraram e as equipes pareceram mais orientadas. Foi um dia para ninguém botar defeito.

O Lollapalooza 2025 surpreendeu justamente por conseguir resgatar o espírito do Lolla 'raiz', mesmo com a presença de muitos nomes da música pop. É um excelente sinal que deixa o público ansioso para o anúncio da edição 2026.

Marcelo Estevão/Divulgação

Por Affonso Nunes

**T**ributo merecido a uma das vozes mais emblemáticas da canção latino-americana, o espetáculo “Violeta Parra em dez cantos” chega ao Teatro Glaucio Gill, em Copacabana, nesta quinta-feira (3), após uma bem-sucedida temporada em São Paulo. A montagem celebra a trajetória da cantora e compositora chilena Violeta Parra, uma das vozes mais importantes da América Latina, destacando sua contribuição para a cultura latina e sua luta contra as injustiças sociais.

Com texto de Luís Alberto de Abreu, direção de Luiz Antônio Rocha e atuação de Rose Germano, a peça resgata a história de Violeta, pioneira da arte latino-americana e primeira artista da região a expor individualmente no museu do Louvre. Sua canção “Gracias a la Vida”, imortalizada nas vozes de Mercedes Sosa e Elis Regina, é considerada uma das mais belas canções de todos os tempos e é um dos destaques da montagem.

A dramaturgia explora a versatilidade de Violeta, que foi além da música ao se dedicar também à poesia, artes plásticas e bordado. Suas composições, interpretadas por artistas como Elis Regina, Milton Nascimento e pela argentina Mercedes Sosa, carregam um forte engajamento social. “Violeta Parra em Dez Cantos”, explica o diretor, é o segundo capítulo de uma trilogia sobre mulheres latinas, iniciada com “Frida Kahlo, a Deusa Tehuana”, e a terceira obra será dedicada a uma artista brasileira que Rocha prefere não revelar neste momento.

“A construção dessa trajetória na peça se baseia na ideia aristotélica do daimon, um guia que conduz ao propósito de vida. Violeta enfrentou desafios imensos para alcançar sua missão”, comenta o autor Luís Alberto de Abreu.

“Violeta Parra, a ‘peregrina que não cabia dentro de si’, teceu o próprio destino com a sua capacidade de criar, interagir e compilar a sua cultura para dar voz aos esquecidos”, lembra Rose Germa-



*Compositora, cantora, poeta, ceramista, bordadeira, artista plástica, Violeta Parra ganha vida no palco com a atuação de Rose Germano*

# Dez cantos para Violeta

Espectáculo destaca a contribuição da chilena Violeta Parra para a arte latino-americana

no. “Assim como ela, tantas outras mulheres artistas brasileiras, como Tarsila do Amaral, Clarice Lispector e Maria Carolina de Jesus, são símbolos de extrema importância na construção de uma identidade feminina própria, pois saíram do papel de figura representada para produzir arte, romper paradigmas

e escreverem sua própria história. Ao relembrarmos a vida e a grande obra de Violeta Parra, homenageamos muitas outras mulheres à frente do seu tempo”, completa.

Em 2014, o diretor e a atriz Rose iniciaram um estudo sobre a importância da mulher latina. Grandes artistas contribuíram para

a mudança de pensamento e de comportamento na sociedade de hegemonia masculina que até hoje silenciam vozes femininas. “Levamos ao público o contato com a cultura chilena que tanto se assemelha a nossa. O autor, Luís Alberto de Abreu, foi muito feliz em trazer uma abordagem crítica e contem-

porânea sobre a contribuição cultural de Violeta Parra para a América Latina tendo na figura da artista a expressão de uma arte decolonial. Quando trazemos a voz de uma mulher latina como protagonista, estamos trazendo à luz a cultura latina que, durante muitos anos, foi apagada pela imposição de uma cultura que não é genuinamente a nossa, e sim dos nossos colonizados”, conta o diretor.

A peça traça paralelos entre a história da artista chilena e a da atriz Rose Germano, paraibana de Riacho do Meio. O espetáculo também reforça a conexão entre a cultura popular latino-americana e as narrativas de resistência de diferentes povos, mostrando a luta das mulheres e a valorização das culturas originárias.

“Falei de mim, da terra seca de onde eu vim, onde as pedras nos ensinam a dureza e o valor raro do que é delicado. As pedras me apontaram o humano de todas as coisas, eu disse a ela. Violeta sorriu e passou longas tardes me contando desventuras de sua vida... Nessa viagem, nos ligamos de maneira profunda. Talvez porque ela busque tantas coisas na vida como eu, talvez por ela ser meia indígena como eu. Não sei se ela era descendente de mapuche, huiliche, diaguita, aymará, talvez de todas elas. Eu venho dos Cariri, da Paraíba”, diz Rose num trecho da peça.

Acompanhada pelo violonista Luciano Camara, a atriz interpreta clássicos de Violeta Parra, como a já citada “Gracias a la Vida”, “Volver a los 17”, “El Gavilan” e “Arriba Quemando El Sol”. A direção musical é de Aline Gonçalves, que destaca a riqueza dos instrumentos típicos explorados por Violeta, como o charango, a quena e o guitarrón chileno.

## SERVIÇO

### VIOLETA PARRA EM DEZ CANTOS

Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)

De 3 a 25/4, às quintas e sextas (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia) via Eleven Tickets

## 'Dias Felizes', de Beckett, volta aos palcos cariocas em montagem na Armazém Companhia

Por Affonso Nunes

**A** Armazém Companhia de Teatro traz de volta aos palcos "Dias Felizes", de Samuel Beckett, em uma nova montagem que examina, com ironia cortante, a frágil fronteira entre a alegria e o desespero. No clássico do teatro moderno, a condição humana se revela em sua crueldade e absurdo, mostrando como nos apegamos a pequenos rituais e memórias para enfrentar o passar do tempo. A estreia será nesta quinta-feira (3), no Espaço Armazém, a sede do grupo na Fundação Progresso, com temporada até o dia 17.

O irlandês Samuel Beckett (1906-1989) foi um dos dramaturgos mais influentes do século XX, conhecido por sua abordagem minimalista e existencialista da condição humana. Autor de "Esperando Godot" e "Fim de Jogo", ele explorou a angústia, o absurdo e a repetição como elementos centrais de sua dramaturgia. Seu teatro, frequentemente associado ao Teatro do Absurdo, desafia convenções narrativas e propõe reflexões profundas (e incômodas) sobre a passagem do tempo, a comunicação e o isolamento.

Sob a direção de Paulo de Moraes, vencedor dos prêmios APTR e Fita em 2024 por "Brás Cubas", a montagem revisita a jornada de Winnie, interpretada por Patrícia Selonk, explorando a linha tênue entre o otimismo e a resignação. Presa até a cintura e, depois, até o pescoço, Winnie encontra nos hábitos do dia a dia seu último refúgio contra a dissolução. Entre o sino implacável



*Enterrada até a cintura e depois até o pescoço, Winnie, interpretada por Patrícia Selonk, encontra em seus pequenos rituais cotidianos a última linha de defesa contra o colapso*

# Entre o otimismo e a resignação

que marca suas horas e o sol que ofusca qualquer noção de tempo, ela se apegua aos objetos guardados em sua bolsa: uma escova de dentes, um batom, um espelho e, de forma inquietante, um revólver.

Willie, seu enigmático e quase silencioso companheiro, ganha vida em diferentes apresentações por Felipe Bustamante, Isabel Pacheco e Jopa Moraes. Aqui, ele não é apenas um espectador da degradação de Winnie, mas um parceiro de cena incômodo, ora cúmplice, ora uma lembrança de que até a solidão pode ser compartilhada.

"Beckett descreveu Winnie

“Beckett descreveu Winnie como ‘um pássaro com óleo nas penas’, uma criatura feita para voar, mas condenada ao chão. Sua luta ultrapassa o pessoal e se torna coletiva”

Paulo de Moraes

como ‘um pássaro com óleo nas penas’, uma criatura feita para voar, mas condenada ao chão. Sua luta ultrapassa o pessoal e se torna coletiva. Se antes o cenário desolado da peça evocava a ameaça nuclear, hoje dialoga com a paisagem res-

sequida do aquecimento global. A crise individual se funde à crise da humanidade – talvez, do planeta”, reflete Paulo de Moraes.

Nesta montagem, o humor corrosivo de Beckett se intensifica. As repetições obsessivas

de Winnie, sua insistência em manter o otimismo diante do absurdo e o implacável avanço do tempo criam um jogo cruel e fascinante. Entre o riso e a derrocada, cada palavra dita reverbera entre a esperança e a vertigem.

### SERVIÇO DIAS FELIZES

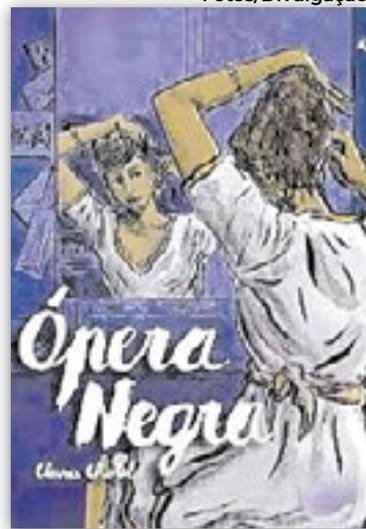
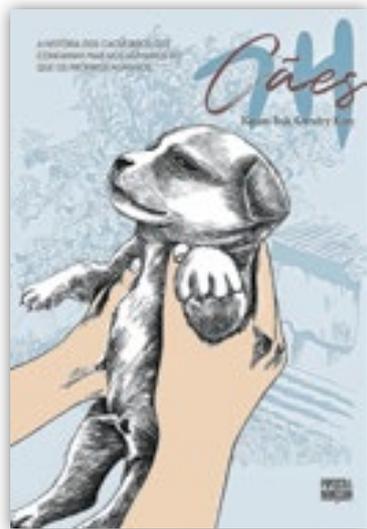
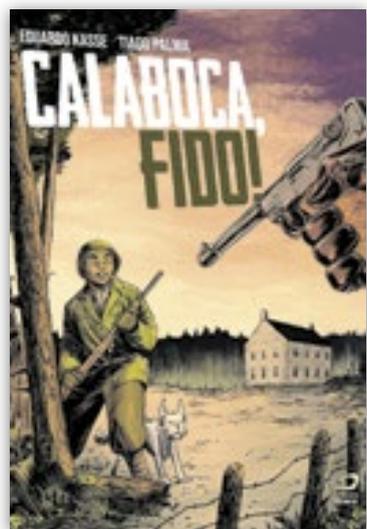
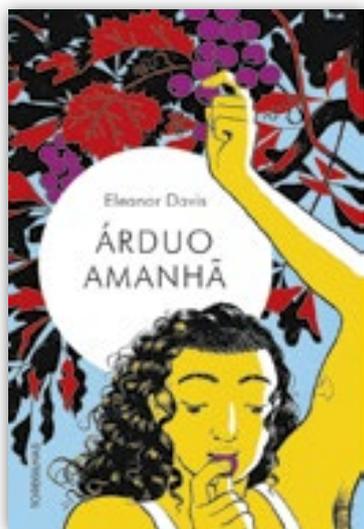
Espaço Armazém (Fundação Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa)

De 3 a 17/4, de quinta a sábado (19h30) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia) via Sympla

# Panteão de balõeszinhos

Uma safra de gibis que mobilizam as vendas e arrancam elogios da crítica aquecem o mercado de HQs no primeiro trimestre



Fotos/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**T**empo de Semana Santa, o que sempre inspira presentes de Páscoa fora os ovos de chocolate, abril tá na porta o que fomenta uma análise dos números da indústria cultural em diferentes frentes, entre elas a editorial, calçado, (em âmbito pop) pelas HQs. O fecho da saga “Império” nas edições de “Star Wars”, da Panini Comics, foi um dos ímãs de venda do primeiro trimestre de 2025. O lançamento do momento vem da Mythos Editora, de São Paulo: “Crom”. O álbum, de luxuosa edição, conta a origem do Deus dos Quatro Cantos, a divindade que serve como bússola para Conan, o bárbaro.

Tem mais coisa bacana à venda. Confira alguns títulos imperdíveis à venda.

**ÁRDUO AMANHÃ, de Eleanor Davis:** A autora dessa HQ da editora Tordesilhas ganhou o LA Times Booker Prize por um

estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor. Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosas, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e cânhamo. Já Hannah só quer ter um bebê. Mas a vida anda cruel com seu desejo. O traço de Eleanor é de uma elegância modiglianesca.

**SUPERGIRL: A MULHER DO AMANHÃ (ED. PANINI):** Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada aqui num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma

garota alienígena a procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas para sempre. O roteiro é do aclamado Tom King.

**SESENTA PRIMAVÉRAS NO INVERNO (ED. NEMO):** Um dos mais belos tratados sobre recomeço já narrados pelas HQs, esta joia combina as manhas de roteiro da escritora francesa Ingrid Chabbert com ilustrações da aclamada quadrinista holandesa Aimee de Jongh. A trama se passa no dia em que, Josy, sua protagonista, completa 60 anos e recusa a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão: iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada com uma velha kombi. Sua família, inicialmente chocada, não deixará de culpá-la por essa escolha, que todos consideram egoísta. No caminho,

ela se reinventa, inclusive afetivamente.

**CALABOCA, FIDO! (ED. DRACO):** O artista gráfico brasileiro Tiago Palma usa seu desenho ultrarrealista em função da História a fim de reviver um dos cercos à Força Expedicionária Brasileira (FEB) em campos de batalha – e em ruínas – da Itália onde o jovem soldado Chico tem de encarar o racismo, a fome e a violência do Eixo. Um cachorrinho será o único amigo dele numa espera por redenção, sempre de fuzil em punho.

**JÚLIA: GRAPHIC NOVEL (ED. MYTHOS):** Dá pra descolar via [www.lojamythos.com.br](http://www.lojamythos.com.br) esta joia dos fumetti (HQ à italiana) com foco nas aventuras da criminóloga Júlia Kendall. O roteiro é de Giancarlo Berardi e de Maurizio Mantero e as ilustrações são assinadas por Antonio Marinetti. A trama se chama “O Caso do Criminólogo Assassino”. Nela, o professor Cross leva a aspirante a investigadora Júlia consigo a um congresso de peritos

em crime. Lá, ela vai se tornar a única pessoa capaz de revelar o culpado de um crime quase perfeito.

**ÓPERA NEGRA (ED. VENETA):** A artista gráfica franco-brasileira Clara Chotil nos leva a uma viagem no tempo até o universo lírico e canoro de Maria D’Apparecida (1926-2017). Filha de uma empregada doméstica, órfã aos oito anos de idade, trabalhou como professora e fez sucesso como locutora de rádio. Estudou canto lírico, mas foi barrada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro por ser negra. Então, foi para a França, onde fez uma carreira brilhante e se tornou cantora da Ópera de Paris.

**CÃES (ED. PIPOCA & NANQUIM):** No empenho de popularizar entre os brasileiros a obra da sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim, autora de “A Espera” e “Jun”, hoje traduzida em 12 países, uma das editoras mais ousadas do mercado de HQs traz essa ode dela à relação de humanos e pets. É um relato emocionante e honesto sobre como a convivência com cachorros, no amor incondicional que eles sentem por seus donos, modifica o coração de seres desumanizados, auxiliando-os de forma quase inadvertida a tornarem-se pessoas mais sensíveis.

**DIAS DEMONÍACOS (ED. PANINI):** Num trio com Freddie E. Williams II e Kevin Eastman, a quadrinista japonesa Peach Momoko reinventa o universo Marvel a partir de uma personagem consagrada nos anos 1980: a herdeira de um império mafioso chamada Mariko Yashida.

**RAIZ AMARGA – VOLUME 1: NEGÓCIOS EM FAMÍLIA (ED. ALTA GEEK):** É um golaço da trazer este ensaio contra posturas intolerantes para o Brasil, com as grifes dos escritores David F. Walker e Chuck Brown, do desenhista Sanford Greene e do colorista Rico Renzi. Em suas páginas, somos levados à década de 1920, a um período no qual criaturas demoníacas se materializam nas ruas do Harlem.